

**Desafios da urbanização turística no entorno da
Lagoa de Ibiraquera - Garopaba e Imbituba/SC: permanências e hibridações**

*Challenges of tourist development in the surrounding
Ibiraquera Lagoon - Garopaba and Imbituba / SC: permanence and hybridizations*

Rosiane Marli Antonio Damázio

Mestre em História – UDESC

rosianegrb@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem por objetivo refletir sobre os desafios apresentados pela urbanização aos lugares turísticos. Nesse viés, discute o confronto entre o novo e o velho bem como as formas de resistência e adaptação. O turismo desponta como um importante fator para o desenvolvimento econômico dos mais remotos lugares, no entanto, também é responsabilizado por romper o equilíbrio local entre meio ambiente e cultura. Assim, aborda-se mais especificamente a urbanização turística nas localidades litorâneas, tal qual a região do entorno da Lagoa de Ibiraquera, nos municípios de Garopaba e Imbituba – SC, nosso foco de estudo, enfatizando o frágil equilíbrio entre desenvolvimento econômico e sustentabilidade ambiental.

Palavras chave: Urbanização Turística, Turismo, Sustentabilidade.

Abstract: This article aims to reflect on the challenges posed by urbanization to the tourist places. In this vein, discusses the clash between old and new as well as forms of resistance and adaptation. Tourism is emerging as an important factor for economic development of the most remote places, however, is also responsible for breaking the balance between the environment and local culture. Thus, we address more specifically the tourist development in coastal locations, like the region around the lagoon Ibiraquera in the municipalities of Garopaba and Imbituba - SC, our focus of study, emphasizing the delicate balance between economic development and environmental sustainability.

Keywords: Urbanization Tourist, Tourism, Sustainability.

Introdução

O turismo, sabidamente, levou as localidades litorâneas em geral, portanto não só de Santa Catarina, a um acelerado processo de transformação. Essas transformações atingiram diretamente as populações tradicionais, seja as residentes quanto as migrantes, estas atraídas por novas oportunidades de trabalho e/ou de uma vida mais tranquila. Tais alterações exigiram que os moradores desenvolvessem estratégias de resistência ou de inserção frente ao novo.

Se, por um lado, o turismo acelerou o processo de urbanização, por outro a crescente exploração imobiliária transformou o cenário e os recursos naturais em bens de consumo. Para David Harvey (1995, p. 55), “La descarada mercantilización y comercialización de todas las cosas és, después de todo, uno de los sellos distintivos de nuestra época”¹. Estabeleceu-se, então, na maioria dos casos, uma relação conflituosa entre a preservação ambiental e cultural e as atividades econômicas de base local. De acordo com Lacerda (2003, p.49), “a descoberta do litoral como área turística vai provocar profundas mudanças nas tradições culturais das comunidades litorâneas”.

Os lugares com potencial turístico foram “invadidos”, preocupando alguns segmentos sociais: a natureza precisa ser protegida, já que se tornou fonte de renda. Dito de outra forma: a atividade turística (em se tratando de atrativos naturais) depende simultaneamente de duas forças contrárias - exploração e manutenção da natureza. A sustentabilidade ambiental passou a ser, então, a senha de um novo modelo de desenvolvimento, que supostamente se esboçava. A concepção de natureza como recurso infinito vai sendo substituída pelo de natureza como bem de capital futuro. A nova economia dos recursos naturais prevê sua utilização em longo prazo.

Nesse contexto, o litoral catarinense vem ganhando nos últimos anos o *status* de um dos locais mais atraentes para o turismo, seja ele de elite ou de massa. Essa condição, por sua vez, está desencadeando o que Mullins (apud SILVA in RODRIGUES, 1997, p. 166), chamou de “urbanização turística”, associando, portanto a dinâmica funcional do turismo ao processo de urbanização. Desta dinâmica emergem algumas questões: como administrar os interesses econômicos em relação à atividade turística e à preservação ambiental de modo a garantir continuação à atividade e condições de vida adequadas à população? Que organização social passa a imperar após o advento do turismo?

O turismo coloca-se, muitas vezes, como única possibilidade de desenvolvimento econômico para um lugar, uma cidade, uma região. Mas, muitas vezes, também, submete as populações locais a uma ordem externa, desarticulando culturas tradicionais, como é o caso da região do entorno da Lagoa de Ibiraquera – nos municípios de Garopaba e Imbituba – SC.

Sendo a região de Ibiraquera e redondezas historicamente rurais e pesqueiras, sediadas em um local com paisagens que se tornaram bastantes conhecidas como atrativos turísticos –

¹ A descarada mercantilização e comercialização de todas as coisas é, depois de tudo, um dos selos distintivos de nossa época. (Tradução nossa.)

a própria Lagoa de Ibiraquera (Figura 01), a Praia do Rosa, a Praia do Ouvidor, da Ferrugem e da Silveira, dentre outras – o modo de vida, bem como os usos do espaço, entraram em um contínuo processo de mudança, mas não sem que houvesse resistência por parte de grupos preocupados em manter a identidade local.



Figura 01: Vista parcial da Lagoa de Ibiraquera - Garopaba e Imbituba/SC
Fonte: <http://litoral-praia.com/category/barra-de-ibiraquera>

Sensibilidade ambiental

De modo geral, a sensibilização em relação ao meio ambiente não se deu em função das atividades turísticas, se bem que o turismo faz parte dessa história. Essa nova sensibilidade em relação ao meio ambiente teve suas primeiras ações lá pelos idos de 1950. Naquele momento, preocupavam-se, estritamente, com a conservação ambiental e proteção de fauna e flora em extinção. Um segundo momento, a partir de 1970, revela alguma preocupação com os impactos predatórios da poluição causada pela indústria.

Esse período (1950 – 1970) coincide com o período do “milagre brasileiro”, auge do desenvolvimento econômico. Predominava a idéia de que os recursos naturais deveriam ser

utilizados para acelerar as ações desenvolvimentistas. Havia preocupação apenas em mostrar que se tomavam alguns cuidados para minimizar os problemas de poluição e preservar alguns recursos naturais. Salienta-se que o envolvimento civil era praticamente inexistente, restringindo-se a grupos isolados no sul e sudeste do país.

Na década de 1980 o ambientalismo se expande e o discurso “verde” já encontra alguma ressonância na sociedade brasileira. O processo de redemocratização permitiu a expansão de diferentes movimentos sociais e a Assembléia Constituinte de 1988, através da Frente Parlamentar Verde, tornou a legislação ambiental brasileira uma das mais modernas do mundo, em termos de proteção ambiental.

As novas percepções do ambientalismo brasileiro vão ganhar realmente força durante a preparação e realização da II Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – Rio-92, inserindo o incipiente movimento ambientalista nacional no cenário internacional, evidenciando o quanto o contexto político internacional condiciona a problemática brasileira.

O discurso ambiental muda de configuração, trocando ações isoladas por um discurso que advoga a necessidade de pensar as relações entre o desenvolvimento econômico e a proteção ambiental, como eixos de convergência da relação entre sociedade e Estado. A maior consistência das idéias das organizações ambientais e a maior visibilidade de suas ações contribuem diretamente para que outros atores se incorporem mais efetivamente no debate ambiental: grupos científicos e parte do empresariado.

A presença da comunidade científica se multiplica e desempenha papel relevante em programas e parcerias com agências governamentais, Organizações Não Governamentais (Ongs) e empresas privadas visando à conservação e uso sustentável da biodiversidade. “Setores do empresariado contribuem de forma crescente no apoio financeiro a diversas entidades ambientalistas e participam mais ativamente dos debates públicos em torno da sustentabilidade.” (JACOBI, 2003, p. 16)

A mídia participou efetivamente deste processo servindo de vitrina para a difusão do ambientalismo, no entanto, não podemos perder de vista que a consciência em relação às práticas “ecologicamente corretas” restringia-se, a princípio, a uma elite, tanto do ponto de vista material quanto intelectual. Portanto, o ambientalismo brasileiro se configurou através da prática seletiva.

O desenvolvimento sustentável² propõe, de fato, um novo paradigma decisório para todos os setores da sociedade; implica, também, no desenvolvimento de novas perspectivas sobre temas e desafios da atualidade, exigindo maior atenção para as complexas inter-relações entre aspectos econômicos, sociais e ambientais dos problemas.

Assim, para a eficácia do desenvolvimento sustentável é preciso que as “políticas ambientais tenham eficácia social e econômica; que as políticas sociais tenham eficácia econômica e ambiental e que as políticas econômicas tenham eficácia social e ambiental”. (BELL in KRISCHKE, 2000, p. 39)

No entanto, a ampla difusão da preocupação de governantes e sociedade civil com os problemas ambientais e a intensificação de fóruns e discussão sobre o problema não resultou em consenso em torno das soluções. Hoje, existem conflitos bem mais intensos do que se poderia imaginar a vinte anos atrás, o que tem tornado as soluções ainda mais problemáticas. Ocorreram e ainda vêm ocorrendo diversos conflitos entre os segmentos e organizações sociais envolvidos com a questão ambiental.

A temática ambiental assume papel relevante nos discursos de diversos atores sociais e surgem inúmeros grupos ambientalistas. As Ongs têm papel decisivo nessa transição de sensibilidade – trabalhista para ambiental. A abertura, no Brasil, de importantes segmentos ambientalistas mundiais, como o *Greenpeace* e a *Friends of Earth* fortalecem essas organizações, que recorrem diretamente ao financiamento externo para desenvolvimento de projetos na área.

Desde então, passamos a assistir, em escala global, a ascendência de movimentos sociais e políticos voltados à preservação do meio ambiente, sendo que tal linguagem tornou-se um importante instrumento na mediação/negociação de conflitos nos espaços públicos, gerando a institucionalização da questão ambiental.

Institucionalizada, traduziu-se em política pública, passando a sujeitar-se às restrições administrativas, onde tudo é crivado pelo viés capitalista (soluções politicamente aceitáveis e economicamente viáveis). Por mais justificável que seja do ponto de vista ambiental, toda demanda deve ser pensada considerando os interesses organizados na esfera pública. A partir

² O conceito de desenvolvimento sustentável, derivado da ideia de ecodesenvolvimento, tem sua principal referência no relatório *Nosso Futuro Comum*, elaborado pela Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1987. A partir deste documento os fatores socioculturais e ecológicos foram incorporados às políticas econômicas, socializados no imaginário coletivo, e absorvidos pelo próprio mercado, que passou a vender produtos ecológicos e bens distintivos de identidade cultural. Porém, existem inúmeras possibilidades de explicação e entendimento para o termo “desenvolvimento sustentável”; assim, deixo em aberto a explicação ao entendimento de cada leitor.

da inserção da questão ambiental no âmbito das políticas públicas governamentais, ganharam evidência os conflitos e as tensões entre órgãos públicos federais, empresários, habitantes, lideranças políticas locais e regionais, justiça e outros atores. O Espaço – entendido como Lugar praticado (CERTEAU, 1994, p. 220) e disputado, tornou-se o meio ambiente.

Nos últimos anos, consagrou-se o termo desenvolvimento sustentável. Isso implica que o universo moral a ser seguido passou a ser imposto por agentes externos, tornando as relações experimentadas com os espaços, de certa forma, esvaziadas de sentido, já que, de acordo com Clifford Geertz (1989, p.150), “é por intermédio dos padrões culturais, amontoados ordenados de símbolos significativos, que o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive”.

No caso da região em estudo – entorno da Lagoa de Ibiraquera, essas mudanças só foram possíveis após se constituir uma rede sócio-espacial, ou seja, à construção de uma rede viária (especialmente com a construção da BR 101) e, de uma rede elétrica, ambas no final da década de 1960. Zygmunt Bauman, sociólogo reconhecido por seus trabalhos sobre o fenômeno da globalização, salienta que:

A história moderna foi marcada pelo progresso constante dos meios de transporte. [...] Foi antes de mais nada a disponibilidade de meios de viagem rápidos que desencadeou o processo tipicamente moderno de erosão e solapamento das “totalidades” sociais e culturais localmente arraigadas. (BAUMAN, 2000, p. 21)

O melhoramento da malha viária que liga a região de Garopaba e Ibiraquera ao Sul do País encurtou as distâncias, trazendo mais facilidade para a região nos deslocamentos e na interação com novas tecnologias, novas visões de mundo, novas instituições sociais e percepções do ambiente. Tais elementos, dentre outros, abriram as portas a uma atividade até então desconhecida no lugar: o turismo e, com ele, a sensibilidade ambiental. Para Lucrecia D. Ferreira (1996, p. 20), “o longe é um lugar que não existe mais. As distâncias superadas, o deslocamento se concentra no tempo rápido, sem medida”.

Assim, essa região passou a abrigar tribos e temporalidades variadas. “O que antes marchava passo a passo, agora vai a galope” (KOSELLECK, 2006, p. 289). A experiência que os nativos tinham até então em relação ao tempo vivido foi aos poucos se transformando. Territórios e fronteiras foram balizados e a vida cotidiana foi, aos poucos, se adaptando,

substituindo o “cantar” dos carros de bois e dos galos nas madrugadas pelo som *techno* das danceterias.

Com o turismo, os moradores locais desenvolveram atividades inimagináveis até bem pouco tempo: uma delas foi o aluguel da própria casa para turistas. Mas como fazer saber aos turistas que a casa estava disponível para locação? A solução foi fazer plaquinhas de “alugue-se” e deixar as crianças na “beira da estrada” atraindo hóspedes. Esta situação era algo totalmente novo para os nativos. Prática “híbrida”, segundo interpretação de Canclini (2008):

Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas? Às vezes isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos ou de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas frequentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico (CANCLINI, 2008, p. 22).

Com isso, foi estabelecida uma nova ordem entre as antigas paisagens, suas antigas práticas e suas novas formas de uso e representação. Este movimento entre o velho e o novo impulsionou a relação do lugar com o mundo que o atravessa com novos costumes, hábitos, maneiras de falar, mercadorias, modos de agir. Destarte, a identidade do lugar é continuamente recriada, produzindo um espaço social híbrido, em que o velho e o novo se fundem, dando lugar a uma nova organização socioespacial.

Urbanização turística

Arelados à urbanização turística, os lugares entram rapidamente no fluxo de informações, bens e pessoas, e inserem-se no movimento global. Este é o caso das praias do entorno da Lagoa de Ibiraquera e demais praias de Garopaba. Podemos citar o caso da Praia do Rosa, que em menos de 30 anos deixou de ser uma praia praticamente selvagem, localizada numa área economicamente estagnada, com base na pesca e agricultura de subsistência, para se transformar em um dos mais requisitados (e caros) destinos turísticos do Sul do Brasil.

A Praia do Rosa localiza-se ao norte do município de Imbituba. Geograficamente, apresenta um conjunto de planalto, planície e mar. Considerada como um dos pontos mais

bonitos do município, é ideal para a prática de esportes, descanso e lazer. Além disso, todos os anos recebe a “visita” das baleias-francas, que vêm ter seus filhotes e amamentá-los no litoral catarinense. Atualmente, a Praia do Rosa conta com toda uma infraestrutura (em termos de pousadas, bares e restaurantes) que a capacita a receber turistas do mundo inteiro.

Toda esta transformação teve início na década de setenta, quando um “bando de *hippies* gaúchos” passou a frequentar o lugar, em busca de “liberdade”, simplicidade e contato com a natureza. Comportamento perfeitamente explicável pelo contexto político e social da época. No decorrer dos anos de 1970 e 1980, estes lugares eram procurados por jovens oriundos de grandes cidades em busca de experiências alternativas, já não vivenciadas nos balneários eleitos pelas camadas médias, que reproduziam nessas áreas as práticas urbanas de lazer e consumo, caracterizando um turismo de massa.

A trajetória do turismo na Praia do Rosa tem certas semelhanças com várias outras comunidades do Brasil e do mundo, onde seu crescimento se deu também de forma um tanto caótica, sem o devido planejamento, iniciando-se com a chegada de *hippies* e mochileiros, em busca do contato com o diferente e exótico, com a natureza e a cultura local, seguido de um crescente processo de massificação do turismo.

Como diz Jaí, “eram uns bicho, mas tudo gente boa”. Referindo-se aos “bichos grilos” que por ali apareciam. Cabeludos e mal vestidos, em resistência ao consumo, procuravam, entre os “locais”, uma vida mais natural, mais “zen”. Liberdade total e irrestrita, sem repressão, onde podiam se expressar de forma autêntica, no sexo, nas drogas e um pouco de rock’ in’ roll. Tanto era o sentimento de liberdade que muitos banhavam-se e andavam nus, homens e mulheres, causando enorme espanto aos moradores. Assustados com tamanha violação no comportamento tradicional, viam nos *hippies* um “bando de loucos”. Foi a partir dessas experiências que os moradores de Garopaba [e região] sentiram que havia algo acontecendo além do seu pequeno universo (BITENCOURT, 2003, p. 116).

Os nativos realmente não entendiam muito bem aquele comportamento; tinham certo receio, pois o “pessoal de fora” se vestia de modo estranho, catava chapéu de cobra³, fumava uns cigarros fétidos, dentre outras coisas consideradas diferentes. Havia certo estranhamento no ar.

Naquela época, a Praia do Rosa era chamada pelos nativos do Porto Novo ou simplesmente de “Atrás do Morro”, não passando de um pequeno povoado de pescadores e

³ Denominação local dada, de maneira geral, aos cogumelos.

plantadores de mandioca, onde a vida escorria lenta por entre casinhas de madeira e engenhos de farinha, com telhados enegrecidos devido à fumaça do fogão a lenha; o banho era de gamela⁴ e as noites eram iluminadas por “pombocas” de querosene.

O rápido movimento entre o velho e o novo desenhado pela urbanização turística, origina novas paisagens, corrói outras, coloca em cena novos sujeitos sociais, exclui ou marginaliza outros e redesenha as formas de apropriação do espaço, substituindo antigos usos e selecionando novas paisagens a serem valorizadas para o lazer. A “criação destrutiva” da atividade turística desafia a todo instante a sobrevivência de antigas paisagens e a resistência do lugar.

E o lugar, como sabemos, só se realiza, só se torna concreto através das práticas sociais que erguem as paisagens, estabelecem as relações de poder entre os territórios, os limites políticos, econômicos e naturais das regiões, e constroem a identidade vivida cotidianamente.

Concluindo de maneira fácil, constatamos de que o processo de produção de lugares para o consumo acaba por consumir e degradar os próprios lugares; porém, num outro viés, podemos considerar que estas novas paisagens da urbanização turística representam também as formas contemporâneas de espacialização social, por meio das quais estamos construindo novas formas de sociabilidade, mais híbridas e, possivelmente, mais flexíveis.

A explosão da atividade turística está estreitamente associada à insatisfação com a vida cotidiana. As cidades, absorvidas pelo mundo do trabalho, levam suas populações à mobilidade. “Esta mobilidade tem, então, um caráter de evasão, de fuga planejada para o anticotidiano, que se coloca em contraposição à desumanização do lugar de moradia”. (KRIPPENDOR, 1986, p.17).

Este ir e vir dos cidadãos para lugares de potencial turístico acaba interferindo nos hábitos e representações locais, histórica e culturalmente produzidos de acordo com as relações estabelecidas entre as populações tradicionais e os recursos naturais do território. As práticas do lugar vão aos poucos sendo ameaçadas, despertando em diversos segmentos o desejo de preservar e conservar os espaços, até então de uso público e coletivo.

A busca por praias, espaços vazios, sol, tranquilidade, bem como a fuga do ritmo de vida urbana, cresceram junto com a valorização das áreas costeiras. Essas práticas

⁴ Vasilha em formato de bacia esculpida em madeira.

desencadearam lutas e embates entre formas tradicionais e formas “modernizantes” de uso dos espaços. O novo não conseguiu desvanecer o velho; no entanto, a mercantilização do espaço litorâneo e do lazer de verão alterou profundamente a organização social e cultural das populações há anos estabelecidas. É importante considerar o que escreve Hobsbawm (2002, p. 25): “Quando a mudança social acelera ou transforma a sociedade para além de certo ponto, o passado deve cessar de ser o padrão do presente, e pode, no máximo, tornar-se modelo para o mesmo”.

A gradual transformação da região em lugar turístico ocorre reproduzindo ou exacerbando características semelhantes às das demais cidades brasileiras: crescimento desordenado e convivência simultânea entre modernização e pobreza. O turismo representa uma das maiores fontes de renda, sendo objeto de investimentos públicos de ordem municipal.

As grandes cidades “engolem” seus arredores levando a cultura urbana para os mais longínquos vilarejos, sendo essa uma característica importante da nossa época. Existe nas relações sociais uma forte viscosidade, ou seja, a cultura urbana vai, por osmose, penetrando em todos os lugares, e está cada vez mais difícil fugir disso.

Há, portanto, uma dialética entre a excitação urbana e sua continuação estival. Turismo e televisão são os principais canais dessa “difusão explosiva”. [...] Estranha pulsão que me empurra para o outro, no formigamento urbano e na balburdia do turismo. [...] Nada, nem ninguém, escapa a tal contaminação. (MAFFESOLI, 1997, p. 249-250)

As condições de vida na cidade tornaram a viagem uma norma, quase uma coerção, já que todos são levados, embora sem resistência, a esta prática social. Fazer turismo não cura a contradição, mas ameniza o contínuo processo de desumanização da vida cotidiana. No entanto, as pessoas vêm buscando lugares onde é possível ter acesso à natureza sem deixar de ter as facilidades básicas dos grandes centros: alimentação, repouso e transportes.

As práticas junto à natureza são encaradas como experiências diferenciadas, com um ritmo mais pausado. O movimento lento, tão desvalorizado no dia a dia do homem contemporâneo, torna-se essencial para os praticantes do turismo vivenciarem essas experiências, transformando-as em formas de resistências perante a correria cotidiana.

O incentivo cada vez maior ao turismo na região vem criando um novo discurso de exportação de imagens para consumo, principalmente entre os habitantes do Centro-Sul do

País. A ampliação da rede de hotéis e pousadas e a oferta de serviços respondem a uma fase atual da região, marcada ainda pela diversificação de atividades e oferta de bens de lazer e cultura.

Considerações Finais

O processo de urbanização tradicionalmente está vinculado ao processo de industrialização. Assim nasceram as cidades modernas que atraíram grande parcela da população rural para os centros urbanos. Mas esse modelo de urbanização se mostrou frágil e a exclusão social é hoje uma de suas marcas. Do ponto de vista ambiental as cidades industriais se mostraram insustentáveis e hoje existem diversos profissionais que procuram fórmulas para “salvá-las” de sua autodestruição.

O eterno dilema entre desenvolvimento econômico e manutenção de condições ambientais saudáveis paira agora sobre as localidades fagocitadas pela urbanização turística. Não são somente os turistas, que consomem vorazmente paisagem, cultura e lazer, os únicos vilões dessa trama. Os próprios moradores locais se apropriam desse espaço da forma que podem, justificando práticas pouco ou nada ecológicas em nome da ilusão de retorno econômico prometido pelo turismo de massa.

Porém, não podemos esquecer que uma parcela considerável, tanto de turistas quanto de moradores locais, vem buscando novas estratégias de participação nos processos de turistificação litorânea. Esse é o caso da Associação de Pescadores de Ibiraquera – ASPECI, que luta junto ao governo federal pela possibilidade de gerenciar a exploração dos espelhos d’água da região da Lagoa de Ibiraquera, nos municípios de Garopaba e Imbituba – SC, através da transformação da área em Reserva Extrativista da Pesca Artesanal.

Embora o hibridismo seja a palavra que melhor defina a organização social que passou a imperar após a consolidação do turismo, é importante sublinhar que a cultura local ainda resiste. Esta resistência se dá principalmente nas redes de socialização, pois é na troca de informações entre vizinhos e parentes, ou nas chamadas “fofocas”, que os nativos identificam seus pares e depreciam supostas atitudes estrangeiras, ou seja, criam um código próprio que lhes permite manter vivas suas identificações.

Referencias

- AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da pós-modernidade. Campinas: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Zigmund. Em busca da política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BELL, David V. J. A cultura da sustentabilidade. In: KRISCHKE, Paulo J. (org). Ecologia, juventude e cultura política: a cultura da juventude, a democratização e a ecologia nos países do cone sul. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.
- CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FERREIRA, Lucrecia D'Alessio. O turismo dos deslocamentos virtuais. In: YAZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cassia Ariza da. (Orgs.). Turismo: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1996.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HARVEY, David. El arte de la renta: la globalización y la mercantilización de la cultura. In HARVEY, David; SMITH, Neil. Capital financiero, propiedad imobiliária y cultura. Barcelona: MACBA, 2005.
- HOBBSAWM, E. J. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- JACOB, Pedro. Movimento social e complexidade da articulação de práticas coletivas. In: Ribeiro, W. (org.). Publicado em Patrimônio Ambiental – EDUSP, 2003.
- KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Contraponto 2006.
- KRIPPENDOR, Jost. Sociologia do turismo: para uma compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- LACERDA Eugênio Pascele. Bom para brincar, bom para comer: a polêmica da farra do boi no Brasil. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.
- LUCHIARI, Maria Tereza D.P. Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. Disponível em: <www.antropologiasocial.org/contenidos/publicaciones/.../fortcon.pdf> Acesso em 13 jan. 2010.

MAFFESOLI, Michel. A transfiguração do político: a tribalização do mundo. Porto alegre: Sulina, 1997.

RELATÓRIO Brundtland. Disponível em: < pt.wikipedia.org/wiki/> Acesso em 13 jan. 2010.

RODRIGUES, A. B. Turismo e desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, 1997.